

LITERATURA INFANTIL E AFETOS: COMO PENSAR A FAMÍLIA A PARTIR DE TEXTOS

Fernando Azevedo¹, Judite Zamith Cruz² & Ângela Balça³

¹Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Universidade do Minho, fraga@ie.uminho.pt

²Centro de Investigação em Educação (CIEEd), Universidade do Minho, juditezc@ie.uminho.pt

³Departamento de Educação e Pedagogia, Universidade de Évora, angela.balca@mail.evora.net

RESUMO

A literatura infantil, tendo como um dos recetores a criança, comporta um potencial perlocutório não negligenciável. De facto, ainda que os seus textos não possam ser lidos como uma cópia ou um espelho do mundo empírico e histórico-factual em que se situam os seus intérpretes, eles mantêm com esse mundo uma relação mediata, à luz da qual, presentificando determinados estados e mundos possíveis, interrogam práticas e endereçam ao leitor uma reflexão lata acerca de si, do seu lugar no mundo e das suas relações com o outro.

Nesta comunicação, propomo-nos apresentar e analisar um conjunto de textos literários de potencial receção leitora infantil que abordam os afetos e a família e permitem, em contexto pedagógico, um diálogo crítico e reflexivo acerca destas situações. Para o efeito, selecionamos, entre outros, os seguintes textos *Coração de Mãe*, de Isabel Minhós Martins; *Quando a Mãe Grita*, de Jutta Bauer e *O livro do Pedro*, de Manuela Bacelar.

A análise será complementada por exemplos de práticas de receção por parte de crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos sobre estes tópicos.

1. Introdução

A literatura infantil, tendo como um dos recetores a criança, comporta um potencial perlocutório não negligenciável. De facto, ainda que os seus textos não possam ser lidos como uma cópia ou um espelho do mundo empírico e histórico-factual em que se situam os seus intérpretes, eles mantêm com esse mundo uma relação mediata, à luz da qual, presentificando determinados estados e mundos possíveis, interrogam práticas e endereçam ao leitor uma reflexão lata acerca de si, do seu lugar no mundo e das suas relações com o outro. Neste sentido, a literatura infantil pode e deve constituir-se como um espaço privilegiado para a interiorização de valores como o respeito e a tolerância (Tomé & Bastos, 2011). Ora valores como o respeito e a tolerância estão muitas vezes plasmados nos textos de literatura infantil através da representação

da família. Se a família tradicional se encontra presente nestes textos desde sempre, as novas estruturas familiares configuram-se, de certo modo, como novidade e foram surgindo de forma paulatina. Colomer (1999) considera que estas questões são tão recentes na literatura infanto-juvenil, que acabam por se refletir na proteção exercida sobre faixas etárias mais novas, sendo de há poucos anos os textos que abordam temas como o divórcio, as segundas famílias, as uniões de facto, as famílias monoparentais ou homoparentais. A verdade é que estes textos acabam por mostrar às crianças uma outra organização familiar, com as quais muitas delas convivem ou conhecem no meio que as rodeia.

2. Como a literatura infantil nos mostra outros modelos de famílias

Vamos, de seguida, apresentar e analisar alguns textos da literatura infantil que apresentam modelos de família que se afastam do modelo mais clássico e tradicional.

Configurada simbolicamente como representação da segurança do abrigo, do calor, de ternura e da alimentação (Chevalier e Gheerbrant, 1982:431), a mãe tem sido dada a ler, nas narrativas populares, como uma figura positiva, por oposição à madrasta ou à bruxa. A mulher-mãe é um ser sublime, digno de respeito e admiração, e a maternidade fá-la inigualável às outras. As eventuais características negativas de uma mãe, nos contos tradicionais, geralmente transpõem-se para a personagem da madrasta, ou até da bruxa.

O livro de Jutta Bauer, *Quando a Mãe Grita...*, caracteriza-se pelo seu formato reduzido, pela simplicidade das suas ilustrações e, pela condensação da componente verbal. Este aparente despojamento encontra-se ao serviço de uma metáfora particularmente forte e expressiva. Numa obra sem uma única referência ao pai ou a qualquer outra figura masculina, é a mulher-mãe que aqui impera, num registo, dado pelo texto pictórico, entre a mãe que se zanga e a mãe que ama incondicionalmente. Ao atentarmos na página de rosto e na última página desta obra, sentimos esse amor mãe/filho, simbolizado num enorme abraço apertado e num beijo entre os dois.

Metáfora particularmente forte e expressiva da infância, da relação mãe/filho, do crescimento de ambos na construção dessa relação, do amor profundo que une estes dois seres, marcados biológica e socialmente, esta belíssima obra dá-nos conta de um desentendimento, sanado posteriormente, entre uma mãe e um filho. E este desentendimento, marcado verbalmente pela frase “Hoje de manhã, a mãe gritou comigo, e eu fiquei desfeito.”, origina na personagem pequeno pinguim um conjunto de sensações e sentimentos que mostram o quanto é difícil o processo de crescimento. Se inicialmente, o corpo do pinguim se espalhou “desfeito”, perdido, desorientado pelo Universo, o processo de reencontro e de reconstrução desse corpo mostra como é complexo o crescimento físico e interior das crianças. “Eu queria encontrar-me”, enuncia o pequeno pinguim, constatando como era difícil sozinho juntar de novo todos os pedaços do seu corpo “As patas estavam já tão cansadas”. Porém, o crescimento do pequeno pinguim acaba por ser feito com o auxílio da mãe que “depois de ter gritado, tinha ido ao encontro de cada parte de mim” e com “paciência” investe no desenvolvimento da relação entre os dois, simbolizado pela enunciação da expressão “Desculpa!” e corroborado por sugestivas ilustrações que alargam muito o texto verbal, mostrando a mãe pinguim a coser carinhosamente as diversas partes do corpo do seu filho, encontrando-se finalmente juntos e abraçados, num barco, símbolo, quanto a nós, da viagem conjunta pela vida.

No álbum de Isabel Minhós Martins, *Coração de mãe*, obra que obedece a uma pertinente construção dicotômica, na qual texto verbal e texto gráfico desempenham relevantes funções, explica-se a profunda relação afetiva e umbilical que une o coração de uma mãe ao seu filho. A mãe, sempre presente e protetora, mantém uma relação de exclusividade com o filho e é em função deste que vive e se define: “o coração da mãe congela quando um filho se perde na multidão”, “o coração de mãe ganha ferrugem quando não vê um filho há muito tempo”, enunciados que são sempre acompanhados por um texto gráfico que ilustra e acrescenta significados ao que é dito e entredito verbalmente.

O humor é uma característica que contempla esta narrativa, e é pontualmente interrompido por situações de forte seriedade envolvendo algum drama. Entre

metáforas relativas a uma mãe brincalhona “quando os filhos dão gargalhadas, o coração de mãe até dança” ou “Mas quando chega a hora de ir buscar os filhos à escola, parece um avião a jato” surge “No coração de mãe passa uma nuvem escura sempre que um filho é mal-educado” ou “O coração de mãe congela, quando um filho se perde na multidão”, em que aquilo que sobressai é a autoridade.

Assim, o livro *Coração de mãe* termina sem qualquer texto e com uma ilustração que ocupa duas páginas: um grande plano da mãe e os seus filhos ao colo, a criança que acompanhou a leitura vendo a mãe em inúmeras situações consigo relacionadas, e o irmão que, entretanto, nasceu e que é anunciado nas páginas anteriores: “E há um dia em que no coração de mãe nascem flores...Quando descobre que vai ter outro filho”. Termina com a partilha da mãe, depois de um livro inteiro de relação exclusiva.

Construída numa estrutura de *myse-en-abîme* e desenvolvida em dois níveis narrativos, visíveis quer ao nível textual quer ao nível ilustrativo (Rodrigues, 2009: 28), *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)* (Bacelar, 2008) aborda, sem moralismos, a questão da homoparentalidade. Num registo autobiográfico, Maria, uma jovem mulher grávida, narra à filha a história da sua vida entre os 7 e 8 anos de idade, um período da infância em que, tal como qualquer criança dessa faixa etária, também conviveu regularmente com os seus primos, visitou a família (a casa da avó), estudou numa escola, teve muitos amigos, recebeu-os em sua casa, numa palavra, viveu o dia-a-dia familiar, com toda a naturalidade, carinho e profunda afeição por parte dos seus pais adotivos, Pedro e Paulo. Esta história de vida de Maria, partilhada com a sua filha, será, uma vez nascido o irmão, recontada a ele pela filha, configurando-se como uma espécie de meta-narrativa ou texto fundacional partilhável entre gerações.

A nível gráfico, são detetáveis na obra dois momentos distintos: num primeiro, um estilo a lápis, de contornos suaves e com um fundo pérola – momento em que Maria adulta e grávida relembra, com nostalgia, o período da infância e o reconta à sua filha – e, num segundo, um estilo com contornos a tinta, cores garridas e tramas mais fortes – momento em que Maria revive, com exuberância, a alegria, a espontaneidade e a felicidade da sua infância.

No fundo, esta é uma obra que, tal como é referido na sinopse que acompanha o catálogo editorial, contempla com naturalidade a diversidade das formas de parentalidade: o retrato de Maria é o de uma criança igual a tantas outras, que vive a sua infância de modo simples e feliz, naturalmente integrada e fazendo parte da comunidade, sem sofrer qualquer discriminação.

Conceição Dinis Tomé e Glória Bastos (2011: 141) sublinham que “esta forma subtil e, de alguma forma, subversiva de tratar o tema da homossexualidade acaba (...) por se centrar na essência da questão – os afectos – e veicular, de forma positiva, a diversidade das formas de parentalidade.”

3. As representações que as crianças têm das suas famílias

A arte da criança é para ser esteticamente compreendida (Kellogs, 1979). Essa é a arte “normal” da criança. Poucos adultos acreditam que a atividade da mão em arte desenvolve a mente. Nesse sentido, *mind-gap* é um bom termo, utilizado por Kellogs, quando exprime a disponibilidade de processo de pensamento, à parte a disponibilidade de fatores de personalidade que podem complicar a comunicação, quando se coloca uma ponte nos *mind-gap* há relação na relação professor-aluno.

O estigma de uma criança pode ser um fenómeno psicológico (esfera emocional) e cultural, na medida em que é reproduzido e perpetuado na família. O estigma de défice é visível (sensorial, auditivo ou visual), mas o estigma “abandonado/institucionalizado” não é visível, mas ligado ao desempenho na escola.

No ano de 2014, à semelhança de anos transatos em que se pediu a crianças para desenharem, segundo a orientação «Este é um desenho da minha família, a fazer coisas em conjunto...», optou-se por outra instrução mais comum (Corman, 1976) e registo de dados com um guião sobre comentários espontâneos da criança e esclarecimentos ao investigador: «Desenha uma família que tu queiras; uma família qualquer.»

Colocado no esboço o que sente, uma projeção superficial é desenhar a própria família (número de pessoas próximas, idades, sexo, etc.) e uma projeção profunda é apreciar nela as preferências afetivas.

Para a sistematização de ações/interações em desenhos foi concebido um sistema de categorias a priori abrangente, partindo do guião de registo inicial, nomeadamente: presença (ou não) da própria criança no desenho; a sua localização – entre os pais, em primeiro lugar, ao lado da mãe...; presença (ou não) de cenário, de texto, de diálogo; estereotipia (ou não) na representação das personagens; mãos dadas, em algumas das figuras ou todas; pintura e, se presente, qualidade; adereços e pormenores das figuras; muitas vezes apagado o desenho com borracha e, se sim, o que foi apagado; expressões das caras denotando-se tristeza, alegria...; amplitude das linhas (grande ou pequena); força colocada no traçado; localização das personagens no desenho; personagem mais valorizada (a primeira a ser desenhada, a maior, a colocada mais à esquerda na folha, a que tem maior riqueza de pormenores e peças de vestir, com atributos de poder...).

Aceitaram colaborar, em entrevistas individuais, escrevendo e/ou desenhando um grupo de estudo alargado de 84 crianças da região Norte de Portugal, entre os 4-12 anos, 47 do sexo feminino e 37 do sexo masculino. Deste grupo podem aproximar-se situações e fatores de risco/perigo, por vezes sobrepostos como pobreza e emigração (3 crianças), disfunção familiar e famílias monoparentais (13 crianças), desemprego de um ou de ambos os pais (13 crianças), sendo as doentes crónicas três e outras 18 as que foram sinalizadas por atrasos no desenvolvimento, sendo que 12 são os rapazes.

Apresentam-se a seguir desenhos de duas das raparigas, com 8 anos, que viveram em circunstâncias de desestruturação familiar e famílias monoparentais, o que conduziu a serem institucionalizadas.

À primeira faleceu o pai, quando tinha 5 anos. Já se havia representado, embora lhe fosse pedido «o desenho de uma pessoa» (Goodenough, 1926[1957]), como a seguir é exposta, bem como o desenho de «uma pessoa especial», na sua escolha, «o meu irmão, porque ele ajuda-me a mim e à minha mãe, quando precisámos».

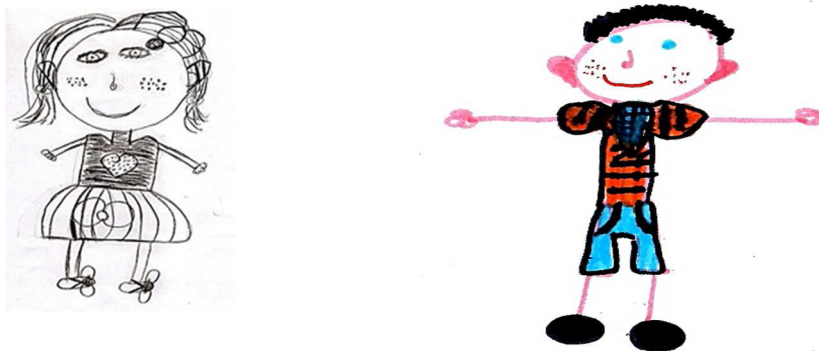


Figura nº 1 - Desenho de menina de 8 anos e 0 meses. **Figura nº 2** - Desenho do seu irmão de 13 anos.

O primeiro desenho não deveria ser pintado, por motivo de avaliação quantitativa de pormenores, que o enriquecem e indica uma aproximação cognitiva.

Curiosa é a representação que se segue (Figura nº 2), mas que é de outra família, o que não seria previsto: «Escolhi a família da minha tia Zeza, porque ela é muito, muito, muito minha amiga e tem uma filha com quem gosto muito de brincar e o meu tio que é muito alto e levanta-me no ar quando tenho medo dos cães».



Figura nº 3 – Desenho da família da tia, em que ela não é representada.

No desenho acima colocado, a ordem sequencial de personagens é a Tia Zeza, a prima, a prima em 2º grau (filha da prima em 1º grau), o primo e o tio.

Outra menina de 8 anos e 8 meses, que havia desenhado uma jovem a dançar, escolheu o Pai Natal, enquanto “especial”, «porque me dá muitas prendas e, principalmente, porque me dá sempre o que eu lhe peço.»



Figura nº 4 – Desenho da própria menina. **Figura nº 5** – Desenho de outra família, em que está ausente.

Nas suas palavras, a menina (Figura nº 3) perguntou à entrevistadora: «Posso desenhar uma família lésbica? Acho que elas também merecem ser felizes. Vou fazer esta rapariga de cor preta (no meio), porque vai ser o homem da relação.» Sem qualidade de pintura, os pormenores encontram-se no que diz respeito ao calçado de uma das personagens, à semelhança da bailarina.

A sua família foi separada de si, a residir numa instituição por medida de Tribunal de Família e Menores, sendo que é doente celíaca e apresenta insucesso escolar. O pai encontra-se desempregado e afastado, como a mãe que trabalha, sendo cozinheira, com habilitações de 12º ano.

Outros interesses, para além de jogar andebol, em educação física e dançar? «Também falo muito com o meu namorado por skype e por facebook». Veio a desenhar-se com o namorado, «no Paraíso a viver o grande amor deles» (Figura nº 6), «sonhando casar e ter filhos um com o outro.» O que é o amor? «Para mim, o amor é quando dou beijinhos na boca ao meu namorado.»



Figura nº 6 – Desenho da própria menina com o seu namorado.

Três desejos seus? «Desejo ter filhos, casar e ir à China». Há alguma coisa que queira muito? «Eu gostava muito de deixar de ser anormal. *Não bato muito bem da cabeça*, às vezes»... Um sonho? «Um dia sonhei que estava a ser raptada por um preto e que me tinha levado para um sítio muito escuro e muito porco. Acordei mesmo assustada e comecei a chorar».

O que considera mais importante para a sua família? «É o amor, pois, se houver amor, não precisamos de mais nada... só de comida».

Da atitude de adultos e do seu *desconhecimento* de afetos, atritos e riscos familiares decorre o preconceito (individual), o estereótipo (reação cultural) e o estigma (marcas corporais ou raciais, observadas negativamente). Um preconceito conduz uma das raparigas na desigualdade, quando seja órfã e pobre. Outra pode ser discriminada porque vive somente com um dos progenitores, quando visita a mãe, quinzenalmente.

Um estereótipo cria-se, então, quando seja generalizado um pensamento de inferioridade, captado no estereótipo visual, o que não se verifica para a auto-representação das duas meninas.

CONCLUSÕES

Os textos da literatura infantil que aqui apresentámos mostram-nos uma diversidade de modelos familiares, sublinhando, porém que, independentemente do seu modelo de configuração, todas as famílias são, de facto, redutos de proteção e de cuidado, assegurando a continuidade e a segurança, em oposição aos lugares inóspitos do mundo onde reina, por vezes, a insegurança e o sofrimento. Os textos, modelizando os *realia*, propõem determinados mundos possíveis, muitos dos quais próximos da realidade das crianças, e, por esse meio, interrogam as práticas e o lugar do homem na sua relação com o outro.

Também os desenhos aqui apresentados evidenciam uma sociedade que, cada vez mais, se revela intrinsecamente plural e cujos modelos familiares, tal como acontece na literatura, já não se restringem à família tradicional.

REFERÊNCIAS

- Bacelar, M. (2008). *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Bauer, J. (2006). *Quando a Mãe Grita...*. Lisboa: Gatafunho.
- Chevalier, J. e Gheerbrant, A. (1982). *Dictionnaire des symboles : mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. ed. rev. et augmentée. Paris : Robert Laffont.
- Corman, L. (1967). *Le test du dessin de famille dans la pratique médico-pédagogique*. Paris: P.U.F., 2^e Éd.
- Goodenough, F. (1926). *Measurement of intelligence by drawings*. Chicago: World Books Company (edição francesa: *L'intelligence d'après le dessin*. Paris: P.U.F., 1957).
- Kellogs, R. (1979). *Children's drawings, children's mind*. N.Y.: Avon Books.
- Martins, I.M. e Carvalho, B. (2008). *Coração de Mãe*. Oeiras: Planeta Tangerina.
- Rodrigues, C. (2009). Um Desafio à Experimentação Pós-Moderna: «O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8). *Malasartes – Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude n.º 20* (II série), pp. 27-33.

Tomé, C. D. e Bastos, G. (2011). Rostos de Narciso? Representações da Homossexualidade na Literatura Infanto-Juvenil Portuguesa. In F. Azevedo, A. Mesquita, Â. Balça e S. R. Silva (Coord.), *Globalização na Literatura Infantil. Vozes, Rostos e Imagens*. Raleigh, N.C: Lulu Entreprises, pp. 127-147.